

Fitas irregulares do Japão e da Hungria, 29 mar. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial
O Estado de S. Paulo, 29 mar. 1962

MAR DEL PLATA, março – O IV Festival Internacional de Cinema de Mar del Plata acusa nos seus primeiros dias um saldo pouco encorajador.

O Japão inaugurou a mostra apresentando uma obra menor, *A guerra final*, de Shue Matsubayashi, em cores e cinemascopé. À primeira vista tratar-se-ia de um libelo antibélico, através de uma previsão do que poderia ocorrer num eventual conflito nuclear entre as grandes potências. A ideia, como se vê, é respeitável, principalmente quando levarmos em conta que parte de um país para o qual as armas atômicas há muito tempo deixaram o âmbito da ficção científica. Este fato por si só afastaria qualquer preconceito que pudéssemos ter contra a maneira algo ingênua, para os nossos olhos, com que a fita trata certos problemas de estratégia militar ou o esquematismo pueril – pueril para nós apenas – com que são abordadas as conferências ministeriais sobre desarmamento. Quantos, durante a projeção de *A guerra final*, não se lembraram de que naquele preciso momento, em algum lugar da Suíça, o mesmo assunto estava sendo tratado com mais ou menos ingenuidade? O Japão, primeiro e até agora único país que sentiu o átomo na própria carne, continua advertindo o resto do mundo contra o perigo iminente. Acreditamos todavia que haja infinitamente mais autenticidade no protesto do mais insignificante e anônimo dos manifestantes de rua em Tóquio, em Hiroshima ou em Londres do que em filmes, como este apresentado no festival.

Os cinco minutos finais da fita, verdadeiro *tour de force* do mestre em efeitos especiais Eiji Tsuburaya, que mostram a destruição de Tóquio, Londres, Nova York e Moscou, parecem ter sido o único propósito deste superespetáculo de cem minutos de duração. Apoia o enredo a história de uma família nipônica da classe média, com seus problemas do cotidiano. Se esquecêssemos de que se trata de um filme com propósitos panfletários, o tratamento dado aos personagens da família Tamura, interpretado por Frankie Sakai, justificaria uma película talvez aceitável. Kimura personifica aqueles que, sentindo-se no centro de um cataclismo iminente, são incapazes de livrar-se dos pequenos problemas, continuando a comportar-se como se nada houvesse e somente tomando consciência da situação tarde demais.

Não há dúvida de que a “guerra fria” não é nada fria, como quer provar o filme. Mas que esperanças podemos ter do pseudo-humanismo de militares que – como mostra o mesmo filme –, ao pressionarem o botão vermelho que deflagrará a guerra total e final, só conseguem balbuciar: “Deus, perdoe-nos”?

Fita húngara

Zoltan Fabri, autor de *Carrossel do amor*, apresentou no Festival *Uma partida no inferno*, filme que recolheu os primeiros aplausos entusiásticos para a Hungria. O tema é fascinante: num campo nazista de prisioneiros durante a última guerra, decide-se comemorar o aniversário do *Fuehrer* com um jogo de futebol. Um dos prisioneiros, antigo ás do futebol, é encarregado de formar a equipe que, durante o treinamento, receberá tratamento privilegiado. Durante os treinos é arquitetado um plano de evasão dos onze homens, que fracassa. Trazidos de volta ao campo e certos de que serão punidos com a morte, são, entretanto, forçados a disputar a partida contra uma equipe de militares alemães. A partida é disputada por homens que sentem a corda no pescoço. Indiferentes com o resultado, a princípio, acabam por vencer a partida, graças ao estímulo da torcida formada pelos demais prisioneiros. Terminada a partida, dão vazão ao seu contentamento, atitude que é interpretada pelo comandante nazista como rebeldia. As metralhadoras pipoqueiam e o campo cobre-se de cadáveres. Onze jogadores mortos e a bola, a um canto, imóvel.

A direção de Zoltan Fabri, embora em alguns momentos tenha carecido de melhor inspiração, consegue entretanto dar à película uma homogeneidade atmosférica, caracterizada principalmente nas interpretações (onde a Hungria poderá obter um prêmio individual ou coletivo) e em momentos como quando um dos jogadores pede a Onodi II, o capitão da equipe, para que, ao bater uma penalidade máxima contra o arco alemão, não marque o ponto, para não sofrer represálias.

De qualquer maneira, *Uma partida no inferno* revela uma tomada de posição objetiva do seu autor no tocante ao tratamento psicológico de certas situações da guerra, com um sentido de participação ausente em outros realizadores (cite-se, por exemplo, outro *Inferno*, o 17, de Billy Wilder), apenas preocupados em contar histórias mais ou menos “interessantes” e passando da acusação ao mero espetacular sem o mínimo escrúpulo. Fabri tem falhas, falhas artesanais em sua maioria, mas aquilo que quer dizer é claro, direto e sem segundos ou terceiros propósitos.

Na mesma sessão foi exibida a curta-metragem *A vida das formigas*, de Istvan Georgy. Com um bom colorido, o filme, entretanto, limita-se a descrever aspectos da vida daqueles insetos, em forma didática, porém superficial. Nada acrescenta às numerosas películas científicas já realizadas sobre o assunto. O comentário oral, demasiadamente explicativo, deixa pouco à imagem para dizer por si mesma.

HERZOG, Vladimir. “Fitas irregulares do Japão e da Hungria”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1962, p. 12, c. 1.